

**ILHA DE MÚSICA:
um estudo sobre gestão e atuação do professor de música em um projeto
social na Grande Natal**

Comunicação

*Sâmela Kerem Ramos Paulo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
rmssamela@gmail.com*

*Júlio César Ferreira Gomes
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
juliocesar09@ufrn.edu.br*

*Abda Rocha Pinheiro
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Abdapinheiro.ap@gmail.com*

*Antonio Renato de Araújo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
violinorenato@gmail.com*

*Paulo Sérgio de Menezes
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
maestropaulinho@gmail.com*

Resumo: Este trabalho é fruto da disciplina Projetos em Música, oferecida na Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (EMUFRN) para os cursos de graduação em Música. Esta comunicação visa evidenciar a relação existente entre a gestão e a atuação dos professores de música no projeto social Ilha de Música. Este trabalho é mais amplo, ou seja, um estudo multicasos, que contemplou mais dois projetos sociais: Nossos Valores e Instituto Florart. As três instituições são localizados na região da Grande Natal e visam atividades musicais e músico-educacionais. Nesta comunicação apresentamos e refletimos sobre dados oriundos das entrevistas realizadas junto ao gestor e a um professor da Ilha de Música. Os resultados indicam a importância da retroalimentação entre as políticas internas de gestão do projeto e a ação do professor de música.

Palavras-chave: Educação Musical. Projetos sociais. Educação não formal.

Introdução

Este trabalho tem como tema a educação musical em projetos sociais. Nesta comunicação são apresentados resultados de um exercício realizado na disciplina Projetos em Música, a qual foi oferecida na Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (EMUFRN) para os cursos de graduação em Música (licenciatura e bacharelado). O objetivo desta comunicação, especificamente, foi investigar a relação entre a gestão e a atuação de professores de música dentro do Projeto Social Ilha de Música na comunidade da África na Zona Norte de Natal. Este estudo fez parte de uma investigação mais ampla que contemplou também, o Projeto Nossos Valores, na Comunidade da África, Zona Norte de Natal, e o Instituto Florart, na cidade de São Gonçalo, região Norte da Grande Natal.

Revisamos os periódicos da Associação Brasileira de Educação Musical – ABEM para encontrarmos a literatura sobre o tema. Consideramos os trabalhos publicados entre os anos de 1992 e 2018 na Revista da ABEM. Utilizamos os seguintes descritores: projeto(s) social(s); ONG(s); organização(s) não governamental(s); comunidade(s). Essas palavras foram escolhidas com base nas principais denominações utilizadas em textos com essa temática. Ao final desse processo, encontramos 423 ocorrências. Após as buscas, vimos que vinte e três trabalhos continham as palavras procuradas, dos quais sete nos ajudaram de modo mais efetivo a investigar a relação entre gestão e a atuação de professores de música em projetos sociais.

E também recorremos a outros trabalhos como: Almeida (2005), que analisou algumas dimensões educativo-musicais de alguns projetos sociais em Porto Alegre e sinalizou, mesmo que de forma secundária ao seu objetivo, diversos aspectos relacionados à gestão de projetos e ensino de música. Em seu trabalho, indicou que a maioria expressiva dos professores não tinha formação “formal” e se denominavam não professores, mas “oficineiros”. A autora ainda indicou que o gestor – também ativista cultural do projeto – fazia a ligação entre o projeto e a comunidade, oficinairos e, até mesmo, o governo. A autora indica haver “Mostra da Descentralização” entre gestores e professores, tendo esses últimos uma autonomia na atuação.

Cançado (2006), no projeto Cariúnas de Belo Horizonte – MG, visou princípios pedagógicos norteadores da proposta. Evidenciou, a partir do seu objeto de estudo, que muitas ONGs buscam a música para aprimorar os seus trabalhos pedagógicos e sociais. No que se refere à interação entre os denominados agentes culturais, indicou que havia três professores, que se alternam no comando das atividades” no Projeto. Para tanto, aconteciam reuniões semanais, para reflexão, análise e registro das atividades e preparação de roteiro (CANÇADO, 2006, p. 20). Ainda indicou que havia instrumentos de avaliação dos alunos com base em seu desempenho na Educação Básica. Isso porque o projeto tinha como objetivo também melhorar o rendimento das crianças na escola.

Kleber (2006), em seu trabalho, ressalta alguns aspectos sobre ONGs e novas práticas educativo-musicais. Penna (2006) entende que projetos sociais não são uniformes, podendo ter vieses “essencialistas” ou “contextualistas” em seus objetivos pedagógicos.

para evitar não só a tentação do etnocentrismo, mas também os riscos do folclorismo ou da guetização (PENNA, 2006. p. 39). Ainda: certos projetos [têm] como prioritária a função política ou de marketing, com poucos resultados educativos. Por sua vez, alguns projetos contratam artistas, e outros transferem, para esses espaços alternativos, práticas tradicionais do fazer musical, sem maiores preocupações com os aspectos propriamente pedagógicos” (p. 37).

Hikiji (2006), em seu livro, *A música e o Risco*, traz reflexões sobre como os projetos de arte-educação vem sendo ofertados para jovens e crianças em situação de risco. A autora também observa que a arte vem sendo reconhecida como elemento fundamental de intervenção social para crianças e jovens que frequentam esses projetos. Nesse sentido, os projetos sociais oferecem possibilidades de, por meio da arte, se promover cidadania, integração social, sociabilização, desenvolvimento da autoestima, além de “tirar as crianças das ruas” e “ampliar o universo cultural” (HIKIJ, 2006, p. 81).

Kleber (2011), em trabalho posterior, focalizou interações no âmbito de ONGs. Preocupou-se com “diferentes dimensões que se sobrepunham no cotidiano das instituições relativas tanto à gestão quanto ao desenvolvimento da proposta pedagógica” (KLEBER, 2011, p. 38). A autora nos dá mais dicas sobre gestão, trazendo à tona o pensamento dos idealizadores e apoiadores da ONGs: os “mentores e mecenas” (p. 38). De modo perspicaz,

Kleber (2011) analisou ONGs em uma perspectiva de rede, evidenciando o dinamismo entre elas e indicando que uma pode aperfeiçoar o processo pedagógico musical da outra.

Arantes (2012) buscou apreender quais as circunstâncias do envolvimento dos jovens no projeto social Orquestra Jovem de Uberlândia - MG. A autora indicou “a necessidade dos educadores musicais construírem suas práticas pedagógicas partindo dos aprendizes, de modo a atentar à condição de vida desses sujeitos e às consequências de tais práticas” (2012, p. 141). Penna e colaboradores (2012) observou práticas educativo-musicais de educadores musicais em uma ONG e em dois núcleos de um projeto social de João Pessoa - PB. Os(as) autores(as) identifica, na voz de um dos educadores, a auto denominação “arte-educador” (p. 73), e que esses discutiam em suas aulas alguns temas propostos pela direção da ONG. Através dessa revisão de literatura tivemos aportes para iniciar o nosso problema de pesquisa. Nessas sinalizações, percebemos vários atores sociais ou agentes sociais engajados.

Processo Metodológico

Com o objetivo de evidenciar a relação existente entre a gestão e a atuação dos professores de música em projetos sociais da cidade de Natal, optamos pela abordagem qualitativa de pesquisa. De modo mais específico, o nosso trabalho se configurou como estudo múltiplo de casos. Como mencionado, a turma contemplou três projetos sociais: Nossos Valores, Instituto Florart, além da Ilha da Música. Todos eles são localizados na região da Grande Natal. Para construção dos dados, lançamos mão da entrevista semiestruturada com dois gestores e um professor do projeto, os quais foram indagados sobre sua atuação, os desafios enfrentados no projeto. Utilizamos a entrevista semiestruturada, já que está de acordo com Boni (2005), permite obter importantes informações. Para tanto,

O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, [...] O entrevistador deve ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o assunto que o interessa fazendo perguntas adicionais [...] interação entre o entrevistador e o entrevistado favorece as respostas espontâneas [...] quanto menos estruturada a entrevista maior será o favorecimento de uma troca mais afetiva entre as duas partes.” (BONI, 2005, p 75).

As entrevistas ocorreram no dia onze de abril e começaram às 11h da manhã, levando em média 40 minutos. Foram feitas treze perguntas, tanto às gestoras quanto ao professor de música do projeto. Transcrevemos a entrevista gravada e realizamos uma leitura coletiva para compreender as relações referidas. As entrevistas foram realizadas com a gestora Inês Margot, a psicóloga Liane Medeiros e o professor Gilberto Cabral.

Equilíbrio entre Cabeça, Coração e Estômago¹

Ao pensarmos na frase “a relação que existe...” automaticamente entramos em um ambiente filosófico e antropológico, e pensamos o fazer musical amplificado. Além dos muros físicos dos projetos, nos deslocamos para as relações que a música permite estabelecer a partir de seus múltiplos aspectos. Nosso campo empírico se afunila para a relação que existe entre a gestão e professor no Projeto Ilha de Música. Existente desde de 2006, o Projeto oferece aulas variadas como: violão, trombone, trompete, baixo elétrico, musicalização infantil, flauta doce, clarinete, saxofone, bateria, percussão e piano. As oficinas são oferecidas no contraturno da escola regular, às segundas, quartas e sextas, no período das 8h ao 12h. O projeto oferece café da manhã antes das atividades.

De acordo com Gilberto Cabral, o professor de Música, as oficinas não seguem uma metodologia específica. Lança da mão, muitas vezes, da transmissão oral. “Olhe, é... não tem uma metodologia fixa [...] Eu não teorizo nada. Eu simplesmente começo dizendo a eles como é pra tocar, repita esse som, quando eles começam a adquirir o som no ouvido a gente começa a explicar [...]” (GILBERTO CABRAL, 2019). Inês, em sua fala, confirma: “A gente não segue um projeto pré estabelecido [...] Eles tem métodos que eles se apoiam. Mas, assim, o ensino é muito discutido diretamente com os professores e adaptado para realidade dessas crianças daqui [...]” (INÊS MARGOT, 2019).

¹ Barenboim & Said [2003] *apud* Hikiji, 2006, p. 19.

Apesar da Ilha de Música não ter um projeto pedagógico formalizado e não haver um padrão na abordagem dos oficinairos, muitos professores atuantes no Projeto são graduados e/ou possuem curso técnico em instrumento. Eles parecem alinhar a sua “metodologia” a experiências acadêmicas. Inclusive, não raramente, egresso do projeto ingressam nos cursos Técnicos e mesmo na Licenciatura da UFRN, como relatou Gilberto “ [...] quando eles tão assim desenvolvidos a gente já manda pra Escola de Música,[...] porque lá sim eles vão ter um diploma, [...] aqui é musicalização é pra aflorar, saiu a flor então a gente encaminha pra outro local” (GILBERTO CABRAL, 2019).

Desse modo, podemos observar que existe um processo metodológico mais voltado para oralidade, mas sem dissociar de métodos acadêmicos e com objetivo de formação acadêmica e técnica dos alunos. Percebe-se que o projeto Ilha de Música atrela educação musical com funções assistenciais e formação técnica. Nas palavras de Inês,

Musicalizar é oferecer um espaço, [...] um período no contra turno [...] Então o nosso pensamento é: de manhã eles têm esse espaço, para estarem aqui, aprenderem música [...] Além disso ter esse contato com a gente, [...] com o café da manhã que é muito importante. É um momento que a gente tá reunido com todos. É uma convivência de organização de valores, de algumas coisas que a gente pensa que é importante, a gente então transmite, né? [...] Aqui, por ser um ponto reconhecidamente de drogas, de envolvimento com tráfico, [...] é maior esse perigo. Então eles tão o tempo inteiro vulneráveis [...] (INÊS MARGOT, 2019).

[...] aqui eles são estimulados, com música, com convivência, com noções de cidadania, de solidariedade, enfim, ou eles estão em casa trancados porque a família tem medo de deixá-los na rua, ou eles ficam na rua brincando soltos, e aí também estão em risco, né? (LIANE MEDEIROS, 2019).

Tais falas nos remetem a Rose Hikiji (2006), quando trata do “ocioso” em comunidades. “No senso comum [...] o tempo “ocioso” é um tempo perigoso. É preciso “ocupar o tempo” é preciso “tirar da rua”. (HIKIJ, 2006. 24). Em um momento da entrevista, Liane Medeiros relata justamente esse frase: “tirá-los da rua”, e permitir que tenham um futuro. Gilberto Cabral ressalta também sobre a ociosidade:

Apesar de nós passarmos música, trabalharmos a música... o foco principal é a socialização [...] No início do projeto, a gente queria fazer lá em Santa Rita [...] A gente, fazendo uma pesquisa, a gente veio parar aqui porque tinha

muita criança ociosa e a gente vê o que mais eles colhem... apesar do foco ser a música, é... um carinho, um cheiro na cabeça. Socializar é o nosso principal objetivo. [...](GILBERTO CABRAL, 2019).

Além disso, Gilberto destaca uma consequência positiva do trabalho do Projeto no que diz respeito à oportunidade de profissionalização.

Alguns já se formaram e já dão aula aqui dentro da Ilha. Pessoas da comunidade... Tem até uma entrevista de um deles que agora já é quase bacharel que dá aula aqui, [...] Perguntaram a ele qual a importância da ilha e ele disse: é tudo porque se não fosse a Ilha, eu estaria preso ou morto já. E eu já tive algumas perdas também de ter aluno meu, diretamente meu assim... A gente perdeu pras facções e já morreu! isso é muito triste... (GILBERTO CABRAL, 2019)

E pensando justamente sobre isso Magali Kleber em sua pesquisa diz:

A proximidade com o mundo do crime, associada ao fascínio que o poder inerente existente no entorno do seu contexto potencializa a escolha por essa alternativa de vida. Esse relato revela que outras variáveis, além de pobreza e do abandono, levam os jovens, em situação de vulnerabilidade social, a optarem pelo mundo do crime. (KLEBER, 2006, p. 103)

Logo de início das entrevistas nos deparamos com a relação que cada pessoa tem com a instituição em si. Percebemos, por meio das entrevistas, a função que cada um exerce e de que forma interagem: um trabalha diretamente com alunos e as outras no âmbito administrativo. Fica claro então que a função traz aos gestores a necessidade um olhar abrangente, que permite dar conta, por exemplo, de burocracias. Em alguns momentos, pudemos perceber dificuldades enfrentadas pela gestão:

[...] a gestão enfrenta muita dificuldade com o pessoal preparado pra esse tipo de trabalho, [...] Eu não posso ter só uma secretária qualquer. Tem que ser uma secretária que tenha sensibilidade pra lidar com as crianças, que tenha abertura pra aceitar o novo, pra aceitar que muita coisa que ela tem que aprender como ser humano e não como secretária, entendeu? [...] Aos professores, inclusive, por que não adianta um professor muito bom, né? Uma didática maravilhosa, mas ele não tem o afinamento com esse trabalho. Então ele não tem essa “pegada” social... Isso é uma dificuldade pro gestor. É uma dificuldade... Você ter pouco dinheiro e precisar de muita coisa dentro de um profissional pra que ele possa se dedicar, se envolver, né? É preciso que

todos estejam muito envolvidos... um olhar muito atento, desde o ASG, a... qualquer um que esteja dentro do projeto [...] (INÊS MARGOT, 2019)

Muitas situações imprevistas acontecem [...] Teve um tiroteio na comunidade e as crianças tem que ser recolhidas, como já aconteceu aqui. Fecha tudo, e quem tá dentro, os profissionais que tã dentro, eles precisam saber lidar também com situações dessas. (LIANE MEDEIROS, 2019)

Percebemos, então, a sensibilidade de todos e a emoção atrelada ao seu trabalho que não é meramente burocrático/administrativo, mas atento às dificuldades dos professores, de captação de pessoal capacitado. Esses profissionais precisam lidar com essas dificuldades e Gilberto parece perceber que os gestores têm essa expectativa, buscando corresponder a ela, o de ser um profissional com “pegada social”. Quando perguntamos às gestoras: “Você participa da elaboração dos conteúdos a serem aplicados nas aulas? Qual é a sua contribuição?”, Inês respondeu: “Muito pouca, muito pouca. A minha contribuição como gestora... Eles têm total liberdade. O que a gente faz são reuniões eventuais [...]”(INÊS MARGOT, 2019). E quando perguntamos o inverso para Gilberto, ele respondeu: “[...] eles não interferem muito não no que eu vou passar, mas assim sempre tem uma conversa, temos uma conversa com a psicóloga[...] independente do que esteja acontecendo ela faz um acompanhamento com os pais e os professores [...]”(GILBERTO CABRAL, 2019).

Apesar de não contribuir diretamente com a elaboração e as escolhas dos conteúdos que são ensinados em sala, as gestoras exercem influência, porque a partir do momento que se estabelecem tais diálogos, fica clara a expectativa, e mesmo a necessidade, de que o professor tenha a “pegada social”, e que entende é sensível ao meio em que está inserido. Os conteúdos abordados em suas aulas então são definidos a partir dessa expectativa, mesmo que ela não esteja expressa em documentos.

Conclusão

Com base nesse breve estudo, é possível perceber a importância de pesquisas que deem mais visibilidade à relação que se estabelece nos projetos sociais entre os gestores e os professores de música. Nossos resultados, embora iniciais e muito localizados, indicam a importância da retroalimentação entre as políticas internas de gestão do projeto e a ação do

professor de música. O conhecimento do contexto das crianças e adolescentes atendido em projetos sociais é de fundamental importância para o bom funcionamento dessas instituições. Mas isso parece não ser suficiente. É necessário sensibilidade e proatividade para atuar em prol da formação humana, cidadã e mesmo profissional de pessoas em situação de vulnerabilidade. Tais atributos podem e devem estar presentes no perfil do professor de música, que por sua vez também estão presentes no perfil das gestoras. As políticas internas do Projeto, apesar de não expressas em documentos, se fortalecem na relação e no diálogo dos agentes da Ilha.

Referências

ALMEIDA, Cristiane Maria Galdino de. *Educação musical não-formal e atuação profissional*. Revista da ABEM, v. 13, n. 13, 2005.

ARANTES, Lucielle Farias. *Jovens musicando: a constituição da condição juvenil marcada pela aprendizagem das práticas musicais*. Revista da ABEM, Londrina, v.20, n.29, 129-142, jul.dez, 2012.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. *Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais*. Em Tese, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005.

CANÇADO, Tânia Mara Lopes. *Projeto Cariúnas – uma proposta de educação musical numa abordagem holística da educação*. Revista da ABEM, v. 14, n. 14, 2006.

GODOY, Arilda Schmidt. *Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais*. Revista de Administração de empresas, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

KLEBER, Magali de Oliveira. *A prática de educação musical em ONGs: dois estudos de caso no contexto urbano brasileiro*. Tese (Doutorado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

KLEBER, Magali Oliveira. *A rede de sociabilidade em projetos sociais e o processo pedagógico musical*. Revista da ABEM, v. 19, n. 26, 2011.

PENNA, Maura et al. *Educação musical com função social: qualquer prática vale?*. Revista da ABEM, v. 20, n. 27, 2012.

PENNA, Maura. *Desafios para a educação musical: ultrapassar oposições e promover o diálogo*. Revista da ABEM, v. 14, n. 14, 2006.

HIKIJ, Rose Satiko Gitirana. *A Música e o Risco: etnografia da performance de crianças e jovens participantes de um projeto social de ensino musical*, São Paulo: Edusp, 2006.